

A IMPORTÂNCIA DA HERMENÊUTICA NA INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

Cleub Evaristo Pereira¹

RESUMO

Este artigo destaca a real importância da hermenêutica bíblica no processo de interpretação das Escrituras e como o leitor da Bíblia deve proceder para compreender e aplicar a sua mensagem de forma correta. Portanto, propõe o uso de um método de interpretação hermenêutico que seja fiel à natureza das Escrituras, apontando sua especificidade e as principais ferramentas disponibilizadas por ele para a interpretação correta da Bíblia.

Palavras-chave: Hermenêutica. Exegese Histórico-Gramatical. Interpretação. Correlação. Aplicação.

ABSTRACT

This Article highlights the real importance of biblical hermeneutics in the process of interpreting Scripture and how the Bible reader should proceed to understand and apply his message correctly. Therefore, he proposes the use of a method hermeneutic interpretation that is faithful to the nature of the Scriptures, pointing out its specificity and the main tools made available by him for the correct interpretation of the Bible.

Keywords: Hermeneutics. Historical-Grammatical Exegesis. Interpretation. Correlation. Application.

1 INTRODUÇÃO

A Bíblia é o livro mais publicado e vendido no mundo inteiro! Todavia, também é o livro menos compreendido no mundo todo. Isto por vários motivos, porém, dentre todos os motivos que tornam a Escritura um livro de difícil interpretação, dois assumem o topo da lista: o primeiro é por ser ela um livro muito antigo, o outro, pelo fato de ser um “Livro Sagrado”. A Bíblia não é um livro comum, ela é a Palavra de Deus, a Escritura Sagrada! Ela é

¹ Pós-graduado em Docência do Ensino Superior e pós-graduando em Teologia Sistemática pela Faculdade Assembleiana do Brasil (FASSEB), e bacharel em Teologia também pela FASSEB. Professor convidado de Teologia na FAP (Faculdade Piracanjuba) e na FASSEB; professor nos seminários STEBB (Seminário Teológico Evangélico do Betel Brasileiro), SETEBLIR (Seminário Teológico Evangélico da Igreja Batista Livre Renovada) e SETAL (Seminário Evangélico de Teologia da América Latina). Pastor na Comunidade da Fé – Igreja Cristã, em Goiânia /GO. E-mail: cleubevaristo@hotmail.com.

o registro da mensagem de Deus para os homens! Sendo assim, ela precisa ser interpretada corretamente, isto, para que se possa compreender qual é o propósito de Deus através de sua mensagem.

O fato de a Bíblia ser um “Livro Sagrado” (a Palavra de Deus) requer daquele que verdadeiramente deseja compreender sua mensagem, “o novo nascimento” (Jo 3.3-6). Afinal, a Escritura afirma que: “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus” (ARC, 1 Co 2.14). Sendo assim, a mensagem espiritual das Escrituras só poderá ser compreendida, se o Espírito Santo iluminar o seu leitor, caso contrário, este, jamais terá condições de entendê-la! Em contrapartida, o fato de a Bíblia ser também um “livro muito antigo” requer do seu intérprete muito estudo e empenho pois, sem um estudo especializado das Escrituras, o seu leitor também jamais terá condições de compreender alguns dos seus textos.

Por esta causa, a hermenêutica se constitui em uma ferramenta tão importante e indispensável na hora de interpretar os textos da Bíblia! Decerto, ela fornece os meios necessários para auxiliar a todos que almejam verdadeiramente compreender a mensagem das Escrituras. Já foi dito que a Bíblia é a palavra de Deus; dessa forma, a hermenêutica usada para interpretar seus textos, precisa fazer jus à sua posição, ou seja, deve tratá-la como tal. Portanto, este artigo propõe o uso do método histórico-gramatical de interpretação das Escrituras como o método viável para a correta compreensão dos seus textos.

Este artigo oferece também um roteiro de interpretação das Escrituras (passo-a-passo) a ser seguido de acordo com as tarefas da hermenêutica, isto para que o leitor da Bíblia possa ter condições de interpretá-la corretamente e, conseqüentemente, para que ele possa aplicar sua mensagem de maneira verossímil para os dias de hoje!

2 A IMPORTÂNCIA DA HERMENÊUTICA NA INTERPRETAÇÃO DA ESCRITURA

A Bíblia é um livro incomparável; ela é a Palavra de Deus! Portanto, se for compreendida e aplicada corretamente, dará ao cristão a condição de se relacionar de forma correta com Deus, como destaca Millard J. Erickson: “Crenças doutrinárias corretas são essenciais no relacionamento entre o cristão e Deus” (1997, p.17). Sendo assim, a hermenêutica se constitui em uma etapa indiscutivelmente necessária no estudo da Palavra de

Deus, pois com o auxílio dela, o cristão poderá compreender a mensagem da Escritura para a atualidade. Sobre isto, Roy B. Zuck destaca:

Precisamos conhecer o significado da Bíblia a fim de descobrir sua mensagem para nossos dias. Devemos compreender seu sentido para a época antes de percebermos seu significado para hoje. Se descartarmos a hermenêutica (ciência e arte de interpretar a Bíblia), estaremos passando por cima de uma etapa indispensável do estudo bíblico e deixando de nos beneficiar dela (1994, p. 10).

A compreensão incorreta da Bíblia, conseqüentemente conduzirá seu leitor a uma aplicação totalmente equivocada de sua mensagem! “Quando a Bíblia não é interpretada corretamente, a teologia de um indivíduo ou de toda uma igreja pode ser desorientada ou superficial, e seu ministério, desequilibrado” (ZUCK, 1994, p. 15). Dessa forma, mesmo que as intenções do leitor ou da igreja sejam as melhores possíveis, jamais terão condições de agir de acordo com a proposição da mensagem da Palavra de Deus. Isto faz da hermenêutica um instrumental essencial para a interpretação das Escrituras.

A hermenêutica como já foi mencionado acima é, comumente, definida como: “a ciência e a arte de interpretação bíblica” (VIRKLER, 1998, p. 9). Todavia, para se entender verdadeiramente o que é a hermenêutica, e quais são as suas principais atribuições, é necessário fazer uma análise mais profunda de sua conceituação.

O termo *hermenêutica* é uma derivação do substantivo grego ἑρμηνεία (*hermêneia*), que pode ser traduzido por: “interpretação”, “explicação”, “tradução”; e também do verbo ἑρμηνεύω (*hermêneuo*), que tem o significado de: “traduzir”, “explicar”, “interpretar”. Esses vocábulos gregos são cognatos que surgiram a partir do substantivo próprio Ἑρμῆς (*Hermes*). *Hermes*, de acordo com a mitologia grega, era o deus de pés alados e filho de *Zeus*. Uma de suas principais atribuições era transmitir aos homens a mensagem dos deuses, principalmente a de *Zeus*. A partir dessa suposta capacidade de *Hermes* de tornar compreensível ao homem a mensagem dos deuses, foi que a palavra “hermenêutica” passou a significar: “interpretação”, “explicação”, “tradução” (ZUCK, 1997, p. 20-21).

O Grande Dicionário Unificado da Língua Portuguesa faz as seguintes definições de hermenêutica: “1. Arte de interpretar os textos sagrados ou livros antigos. 2. Arte de interpretar leis” (2012, p. 358). Estas definições descrevem seus principais campos de atuação: a Religião, a Literatura e o Direito. Entretanto, seu uso principal é relacionado à interpretação da Bíblia, como destaca Moisés Silva:

Seu significado tradicional é relativamente simples: é a disciplina que lida com os princípios de interpretação. Alguns escritores gostam de chamá-la de *ciência* da interpretação; outros preferem falar de *arte* da interpretação (talvez com a implicação: ‘Ou você a tem ou não!’). Deixando de lado essas diferenças de perspectiva, o interesse básico da hermenêutica é claro o suficiente. Deve ser acrescentado, entretanto, que quando os escritores usam o termo, na maioria das vezes o que eles têm em mente é a interpretação *bíblica*. Mesmo quando é outro texto que está sendo discutido, a Bíblia provavelmente assoma por trás (SILVA, 2002, p.13).

A partir de agora, todas as vezes que a palavra hermenêutica for usada neste artigo, será única e exclusivamente com o significado de “interpretação bíblica”.

3 AS TAREFAS DA HERMENÊUTICA

De acordo com Zuck, o que faz com que a Bíblia seja um livro difícil de entender é o fato de ser um livro antigo. Com base nesse princípio, ele destaca que alguns problemas distanciam o leitor da Escritura de sua interpretação correta; ele chama esses problemas de “abismos”, e destaca que a hermenêutica tem a tarefa de dar suportes para o leitor-intérprete da Palavra de Deus transpor esses abismos: 1) o abismo do tempo (cronológico): refere-se à lacuna temporal que existe entre os acontecimentos registrados pelos autores humanos, seus primeiros leitores e a atualidade; 2) o abismo do espaço (geográfico): ou seja, é imprescindível para o intérprete da Bíblia entender todos os aspectos da geografia dos lugares onde se deram os fatos que foram registrados na Escritura; 3) o abismo dos costumes (cultural): considerar e procurar compreender todos os elementos culturais dos povos dos tempos Bíblicos; 4) o abismo do idioma (linguístico): a diferença que há entre os idiomas bíblicos antigos e os idiomas de hoje com suas linguagens modernas; 5) o abismo da escrita (literário): as diferenças entre os estilos e formas de escrita daquela época e os estilos e as formas de escrita do mundo ocidental da atualidade; 6) o abismo espiritual (sobrenatural): o homem finito não pode compreender plenamente o infinito (Deus) (ZUCK, 1997, p. 16-20).

Com exceção do abismo espiritual, todos os outros só poderão ser transpostos através do uso dos princípios hermenêuticos!

3.1 A EXEGESE

Alguns desses abismos podem ser transpostos por meio de uma área da hermenêutica que é a exegese. Para Gordon Fee a exegese é a tarefa inicial do intérprete:

A primeira tarefa do intérprete chama-se exegese. A exegese é o estudo cuidadoso e sistemático da Escritura para descobrir o significado original que foi pretendido. A exegese é basicamente uma tarefa histórica. É a tentativa de escutar a Palavra conforme os destinatários originais devem tê-la ouvido; descobrir qual era a *intenção original das palavras da Bíblia* (1984, p. 19).

De acordo com Roy B. Zuck: “A exegese pode ser definida como a verificação do sentido do texto bíblico dentro de seus contextos históricos e literários” (1994, p. 21). Moisés Silva destaca o seguinte sobre a exegese:

[...]. Percebemos, então, que, com respeito tanto à linguagem quanto à História, a interpretação da Bíblia se apresenta como um desafio para nós. Por conseguinte, uma compreensão acurada das Escrituras requer o que veio ser conhecido como *exegese* gramático-histórica. O termo *exegese* (usado frequentemente pelos estudiosos bíblicos, mas raramente por especialistas em outros campos) é uma forma rebuscada de se referir à interpretação. Pressupõe que a explicação do texto envolveu análise cuidadosa e detalhada. A descrição *gramático-histórica* indica, naturalmente, que essa análise deve prestar atenção tanto na linguagem em que o texto original foi escrito quanto ao contexto cultural específico que deu origem ao texto (SILVA, 2002, p. 17).

Como já foi descrito anteriormente, antes de descobrir a mensagem da Escritura para a atualidade, é preciso descobrir qual foi sua mensagem para a época em cada um de seus textos foi escrito. Por esta causa, a exegese é o primeiro passo na interpretação das Escrituras. Ela começa com a observação minuciosa de cada detalhe que o texto possa oferecer, pois nada no texto deve ser considerado sem importância, pois o propósito inicial é entender qual era a intenção do autor ao escrever o texto. Em seguida, ela procura entender a mensagem que autor escreveu dentro dos contextos: histórico e literário. Esta tarefa geralmente é realizada por especialistas, ou seja, por peritos em exegese, enfim, é preciso ter um preparo específico para realizá-la. Porém, isto não quer dizer que quem não seja um especialista no assunto, não possa fazer uma boa exegese, como afirma Gordon Fee:

Não é necessário, no entanto, ser um perito para fazer boa exegese. Na realidade, todos são exegetas dalgum tipo. A única questão real é se você vai ser um bom exegeta, Quantas vezes, por exemplo, você ouviu ou disse: ‘O que Jesus queria dizer com aquilo foi...’ ‘Lá naqueles tempos, tinham o costume de ...’? São expressões exegeticas (FEE, 1984, p. 19,20).

Não obstante, o leitor que não é um perito na interpretação bíblica, necessita de auxílio externo para realizar sua exegese! Ele deve considerar que os textos bíblicos foram escritos em idiomas que possuem suas próprias regras linguísticas (fonologia, morfologia e sintaxe), e

que elas não são equivalentes às da sua língua. Também precisa levar em conta, que os elementos históricos, culturais e geográficos aos quais está acostumado, não são iguais aos que estão registrados na Escritura. Sendo assim, para realizar uma boa exegese precisará de algumas ferramentas específicas. Gordon Fee destaca algumas ferramentas indispensáveis para auxiliar o leitor a fazer uma boa interpretação: “um bom dicionário da Bíblia, um bom Manual Bíblico (ou Introdução à Bíblia), uma boa tradução, e bons comentários” (1984, p. 25). Millard J. Erickson também destaca alguns instrumentos e métodos (ferramentas) que são essenciais para o intérprete realizar sua exegese: “Esses instrumentos incluem concordâncias, comentários e, para quem conhece as línguas originais, os textos bíblicos, gramáticas e léxicos” (1997, p. 20).

Hoje, além dos recursos impressos, existem os digitais. Não são poucos: os sites, os ebooks e também os aplicativos disponíveis para Windows, Android e iOS, que podem auxiliar os estudiosos da Escritura a fazer uma boa interpretação.² Todavia, é bom frisar que nenhuma dessas ferramentas é infalível; todas devem ser usadas com cautela. Ao escolher um material para auxiliá-lo nos estudos e na interpretação da Bíblia, o leitor precisa certificar-se de que os autores responsáveis pelas publicações, programas, sites e aplicativos usados, são de fato, peritos ou não. Se o material escolhido for publicado ou disponibilizado por um ou mais peritos em exegese, poderá sim, ajudar o leitor na sua interpretação, porém, isto não quer dizer que as proposições do autor ou autores sejam infalíveis! Em contrapartida, se o material não for assinado por especialistas no assunto, sua contribuição para a realização de uma boa exegese é, no mínimo, questionável! Não obstante, outra questão que deve ser considerada, é a posição teológica do autor ou autores dos materiais que serão usados, conforme alerta Erickson:

Mesmo nessa etapa, é importante pensar cuidadosamente nos materiais que estão sendo usados. Devemos considerar a posição do autor do comentário, por exemplo. Devemos, pelo menos, ter noção da perspectiva teológica do autor, a fim de que pressuposições incongruentes com nossa orientação geral não sejam importadas inconscientemente. O possível problema, aqui, é semelhante ao que pode ocorrer quando usamos um instrumento de navegação. Se viajarmos uma longa distância, um pequeno erro numa bússola, por exemplo, pode nos colocar bem longe da rota. Assim, é importante fazer uma avaliação cuidadosa de nossos instrumentos de interpretação (1997, p. 20).

O estudioso das Escrituras deve tomar muito cuidado na escolha dos materiais que quer usar para auxiliá-lo em sua interpretação, pois uma escolha inadequada, certamente causará mais problemas do que os que já existem no processo de interpretação da Bíblia.

² Alguns aplicativos que podem ajudar o estudante da Escritura a fazer sua própria exegese: My Bible; My Sword; Holy Bible; The Word Bible; Bíblia Strong; Olive Tree; o software Logos e, muitos outros!

3.1.1 O método histórico-gramatical

Já foi adiantado através da citação de Moisés Silva, que a busca de uma compreensão acurada das Escrituras requer uma exegese gramático-histórica (é o mesmo que histórico-gramatical). Afinal, este método de interpretação é o que trata a Escritura de maneira apropriada. O método histórico-gramatical, parte da premissa de que a Bíblia é verdadeiramente a Palavra de Deus, ou seja, inspirada, inerrante, infalível, autoritativa e suficiente! Augustus Nicodemos Lopes, falando sobre o método histórico-gramatical, declara:

A Reforma Protestante havia amadurecido aquilo que posteriormente foi chamado de método gramático-histórico. Esse método partia da convicção de caráter religioso na análise bíblica. Seus princípios podem ser percebidos desde o início da história da interpretação da Bíblia. A Escola de Antioquia da Síria, alguns Pais Latinos e alguns estudiosos medievais podem ser considerados como precursores do método gramático-histórico. Ele leva em consideração o caráter divino e humano das Escrituras, sua inspiração e infalibilidade, a historicidade dos relatos bíblicos e a intencionalidade dos textos em comunicar sentido de maneira proposicional. É importante notar aqui que o método gramático-histórico deu atenção ao caráter histórico das Escrituras. Entendeu perfeitamente o seu condicionamento histórico, linguístico, cultural e temporal e as examinou como tal. Contudo, fez tudo isto a partir do pressuposto fundamental da sua inspiração e infalibilidade, o que impediu que os exegetas reformados elucidassem os textos admitindo erros, falhas, imprecisões, inverdades, mentiras piedosas, mitos e pseudonímia nas páginas sagradas (2005, p. 117, 118).

O método histórico-gramatical de interpretação das Escrituras dá à Bíblia o seu devido valor, pois respeita o sentido proposicional dos seus textos. A intenção do método histórico-gramatical é deixar a Bíblia falar o que ela quer falar. Moisés Silva, descrevendo essa condição do método gramático-histórico, assinala o seguinte: “Essa visão foi desenvolvida com a clara intenção de opor-se à interpretação alegórica e à nossa tendência natural de interpretar o texto baseados em nossa língua materna e à luz de nossos próprios costumes e experiências” (2002, p. 227).

Como o próprio título sugere, o método histórico-gramatical visa interpretar a Bíblia, histórica e gramaticalmente; sobre isto, José Maria Martinez declara:

Como seu título mesmo indica, tem por objetivo achar o significado de um texto sobre a base do que suas palavras expressam em seu sentido simples à luz do contexto histórico em que foram escritas. A interpretação é efetuada de acordo com as regras semânticas e gramaticais comuns à exegese de qualquer texto literário, baseada na situação do autor e dos leitores de seu tempo (MARTÍNEZ, 1984, p.121, tradução nossa).

Em suma, o método histórico-gramatical de interpretação, não impõe como a interpretação da Escritura deve ser feita, muito pelo contrário; é a Bíblia que determina por meio de todos os aspectos gramaticais existentes em seus textos e de seus contextos, histórico e literário, como ela deve ser interpretada!

a) O contexto histórico

O contexto histórico abrange além da história em si, todos os aspectos culturais e geográficos que estão relacionados diretamente com o texto que será interpretado. Manuel Alexandre Junior destaca nove perguntas que ditam o roteiro para a compreensão do contexto histórico original do texto a ser interpretado:

Em que dados históricos se assenta o texto? Quem o escreveu? A quem se destinou e quem o recebeu? Que tipo de relação existia entre o autor e os leitores originais? Onde estava o autor quando escreveu? Que situação motivou esse escrito? O propósito do livro é explicitamente referido? Onde os leitores viviam e em que circunstâncias? Que problemas, dificuldades ou necessidades tinham os destinatários do texto? (2016, p. 57).

A falta de respostas a estas perguntas certamente conduzirá o leitor das Escrituras à interpretação incorreta de seus textos! Um exemplo claro a esse respeito pode ser observado na frequência de casos em que muitos pregadores afirmam que o profeta Jonas foi vomitado pelo grande peixe na praia de Nínive. O problema nessa afirmação, é que a grande cidade de Nínive, onde hoje está localizada a cidade de Mossul no Iraque, nunca foi banhada pelo mar!

Outra afirmação corriqueira entre muitos cristãos, é que Deus mudou o nome de Saulo para Paulo após sua conversão. Porém esta alegação é uma falácia; a própria Escritura deixa claro que Saulo “também” se chamava Paulo (At 13.9). De acordo com Filipenses 3.5, Saulo era da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, circuncidado ao oitavo dia, era hebreu descendente de hebreus e também um fariseu. O Seu nome de batismo era שאול (*Shā'ul*), Saul. O léxico do N.T. Grego/Português destaca que Σαῦλος, Saulo, é a “forma helenizada do nome judaico do apóstolo Paulo” (1984, p. 187). Já o nome Παῦλος, Paulo, era o seu nome de cidadania romana (At 16.37; 22.25,26).

Era comum naquela época pessoas com dupla cidadania dentro do Império Romano, possuir dois nomes: o de batismo, e um nome (latino) referente à sua cidadania romana. Este era o caso de Saulo; então, ele não teve o seu nome mudado após sua conversão, apenas passou a usar o seu nome romano, isto, provavelmente por duas razões: 1) por ser mais

apropriado para o desenvolvimento do seu ministério entre os gentios. 2) para não gerar pavor entre os cristãos gentios que não o conheciam pessoalmente, mas já tinham ouvido falar de sua fama; isto, por causa do que foi estigmatizado através do nome “Saulo de Tarso”, ou seja, o “perseguidor da igreja” (Fp 3.6; At 9.21).

Outra falácia de interpretação das Escrituras que se tornou clássica, é a de afirmar que o “fundo da agulha” mencionado por Jesus no seu diálogo com o jovem rico, era uma porta em Jerusalém. Sobre isto Gordon Fee registra o seguinte:

Por exemplo, em Marcos 10.23 (Mt. 19.23; Lc 18.24), no término da história do jovem rico, Jesus diz: ‘Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!’ Passa a acrescentar: ‘É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.’ Frequentemente se diz que havia uma porta em Jerusalém chamada o ‘Fundo da Agulha,’ pela qual os camelos somente poderiam atravessar de joelhos, e com muita dificuldade. A lição desta ‘interpretação’ é que um camelo poderia realmente passar pelo ‘Fundo da Agulha.’ O problema desta ‘exegese,’ no entanto, é que simplesmente não é verdadeira. Nunca houve semelhante porta em Jerusalém, em qualquer período de sua história. A primeira ‘evidência’ que se conhece em prol de tal idéia é achada no século XI d.C. (1), num comentário de um eclesiástico grego chamado Teofilacto, que tinha a mesma dificuldade com o texto que nós temos. Afinal das contas, é *Impossível* para um camelo passar pelo fundo de uma agulha, e era exatamente o que Jesus queria ensinar. É impossível para alguém que confia nas riquezas entrar no Reino. É necessário um milagre para uma pessoa rica receber a salvação, o que é certamente a lição das palavras que se seguem: ‘Para Deus tudo é possível.’ (FEE, 1984, p. 21).

Erros dessa natureza podem ser facilmente evitados pelo estudioso das Escrituras; basta, para isso, ter o cuidado de conhecer e analisar minuciosamente o contexto histórico da passagem que pretende interpretar. Para isto, deve estar familiarizado com a história referente à passagem que está analisando; precisa também, considerar todos os elementos da geografia local onde se dão os eventos registrados na porção das Escrituras que está investigando, e finalmente, deve procurar entender todos os elementos da cultura das pessoas que estejam sendo retratados na passagem da Bíblia que está estudando.

b) O contexto literário

A exegese histórico-gramatical parte, inicialmente, da observação do contexto histórico da passagem que se quer interpretar; depois é necessário observar o contexto literário mais amplo. “Se não conseguirmos entender o todo antes de tentar dissecar as partes, a interpretação estará ameaçada desde o seu início. Fora do contexto, as declarações simplesmente não têm significado” (OSBORNE, 2009, p.43). “Essencialmente, o *contexto literário* significa que as palavras somente fazem sentido dentro de frases, e, na sua maior

parte, as frases na Bíblia somente têm significado em relação às frases anteriores e posteriores” (FEE, 1984, p. 23). “A leitura de um texto dentro do seu contexto é a atividade mais importante da exegese” (KUNZ, 2015, p. 21). Sendo assim, deve-se também considerar o estilo ou o gênero literário em que o texto foi escrito.

Na Bíblia podem ser encontrados vários gêneros literários. Em seu livro “A Interpretação Bíblica”, Zuck apresenta uma lista com alguns deles:

1. *Jurídico* – este tipo de literatura refere-se às leis (mandamentos). Os textos jurídicos se dividem em: leis apodícticas e leis casuísticas. As leis apodícticas abarcam os mandamentos diretos que normalmente se iniciam com o advérbio “não”; como nos dez mandamentos por exemplo. As leis casuísticas, como o próprio título sugere, são leis que tratam de casos (mandamentos) específicos, ou seja, é como a velha máxima: “cada caso é um caso”. Estas leis não são completas, muitas delas apresentam algumas condições que podem originar situações determinadas. Em Êx 23.4,5 o texto destaca um boi ou um jumento, porém, se fossem outros tipos de animais, o princípio do mandamento seria aplicado da mesma forma.

2. *Narrativa* – uma narrativa é uma história; entretanto, as narrativas da Escritura não são meros registros de acontecimento históricos, pois suas narrativas têm o objetivo de ensinar lições através dos fatos registrados. A Bíblia apresenta seis tipos de narrativas: *tragédia* (relata a história de algumas pessoas, reinos e impérios; do apogeu à decadência, como a história de Saul, por exemplo); *épico* (contém uma série de episódios centralizados em um grupo de pessoas ou em uma pessoa específica; um exemplo explícito de um épico é a peregrinação de Israel no deserto); *romance* (aborda a relação romântica entre um homem e uma mulher; os livros de Rute e Cantares fazem parte desta forma de narrativa); *heroico* (esta forma de narrativa destaca a vida e os feitos heroicos de um indivíduo; o relato sobre a vida e ação da maioria dos juízes e a história de Davi são descritos através deste tipo de narrativa); *sátira* (este tipo de narrativa faz uma descrição da loucura ou das falhas humanas através da crítica ou da ridicularização; a história de Jonas é desenvolvida por meio de uma sátira); e a *polêmica* (a polêmica é um tipo de narrativa que ataca ou contesta agressivamente as ideias de terceiros; as dez pragas do Egito e o episódio de Elias desafiando e vencendo os 450 profetas de Baal fazem parte deste tipo de narrativa).

3. *Poesia* – a poesia na Bíblia não é uma exclusividade dos livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares. Ela está presente em várias passagens do Antigo Testamento e em algumas do Novo; o cântico de Maria e as palavras de Zacarias, por exemplo, são registradas no primeiro capítulo do Evangelho de Lucas em forma poética.

4. Literatura Sapiencial – toda literatura de sabedoria (sapiencial) tem caráter poético, porém, nem todos os escritos poéticos são sapienciais. Existem dois tipos de literatura sapiencial: a proverbial e a reflexiva. A proverbial consiste em preceitos, não em promessas; em diretrizes, não em garantias. A reflexiva é aquele tipo de literatura que apresenta uma discussão sobre os mistérios da vida. Os livros sapiencias na Bíblia são Jó, Provérbios e Eclesiastes (alguns estudiosos incluem a este grupo o livro de Cantares).

5. Evangelhos – os Evangelhos são mais que do que a biografia de Cristo, eles são narrativas que descrevem os ensinamentos e a doutrina de Cristo. O objetivo dessas narrativas é apresentar Jesus aos seus leitores.

6. Discurso Lógico – também conhecido como “literatura epistolar”. Este gênero literário se estende de Romanos a Judas no Novo Testamento. Existem dois tipos de discurso lógico: discurso expositivo e discurso exortativo. O expositivo explica as verdades e doutrinas, quase sempre com base na lógica. O exortativo como o próprio nome declara, exorta através dos textos, ou seja, repreende certos comportamentos e apresenta verdades a serem seguidas.

7. Literatura Profética – este tipo de literatura traz predições feitas na época de sua redação e, que frequentemente incluem preceitos e determinações para que os ouvintes (leitores) das profecias possam viver de acordo com elas. Dentro deste tipo de literatura encontram-se os textos apocalípticos (trechos de Ezequiel, Daniel e Zacarias e o livro de Apocalipse) (ZUCK, 1994, p. 148-156).

O leitor que deseja compreender verdadeiramente a Bíblia, antes de se ater aos pormenores e às nuances gramaticais do texto que vai analisar, precisa estar completamente familiarizado com os contextos, histórico e literário. A compreensão da história, da cultura, da geografia, das unidades do texto e do estilo literário em que cada texto foi escrito é fundamental para o próximo passo da exegese!

c) Os aspectos gramaticais e linguísticos

O intérprete da Escritura deve respeitar a *gramática da língua* em que a passagem que ele quer compreender foi escrita! A gramática trata das regras que regem as formas de “falar” e “escrever” corretamente um idioma. A gramática comumente é dividida em fonética, lexicologia, morfologia e sintaxe. A fonética se ocupa no estudo dos fonemas, e se aplica principalmente à linguagem falada. A lexicologia é a parte da gramática que trata da etimologia das palavras. A morfologia se dedica à compreensão da estrutura, forma,

transformação e classificação das palavras. A sintaxe trata especificamente da relação entre as palavras; das regras que estruturam e coordenam as frases, das disposições das palavras dentro da oração e das orações em períodos.

Identificar a estrutura gramatical de um texto é imprescindível para a exegese, sendo assim, a sintaxe tem um papel decisivo na compreensão da passagem bíblica em verificação. A análise sintática ajuda o estudioso da Escritura a identificar as relações existentes entre as palavras do texto, suas disposições entre frases e orações, e estas, em seus respectivos períodos. Isto facilita a compreensão da intenção autoral ao escrever o texto. Alexandre Junior faz a seguinte observação sobre o estudo sintático dos textos bíblicos:

No âmbito da análise gramatical dá-se especial atenção à estrutura formal das palavras, mas estuda-se sobretudo o seu enquadramento sintático nas unidades oracionais apurando-se o sentido pretendido pelo autor com base nas estruturas gramaticais que usou e nas combinações de palavras de que se serviu, com especial atenção a questões de tempo, voz, modo, pessoa, número etc. (2016, p. 68).

Tratando-se da interpretação da Bíblia e, principalmente do Novo Testamento, também é muito importante compreender a etimologia das palavras. “Etimologia diz respeito à origem e à evolução das palavras. Os alvos da etimologia são: a) recuperar o sentido elementar da palavra em questão e b) descobrir como evoluiu” (ZUCK, 1994, p. 116). Entretanto, a compreensão de uma palavra ou de palavras isoladas não é suficiente para perceber plenamente a proposição autoral de uma passagem bíblica. Sendo assim, é de fundamental importância relacionar os estudos etimológicos à análise semântica da passagem que se quer compreender. A semântica é uma área da linguística que estuda o significado das palavras, frases e textos, considerando as mudanças de sentido que sofrem no espaço e no tempo.

Grant R. Osborne, falando sobre a semântica e a aplicação científica de princípios linguísticos nos estudos da Escritura, observa que:

[...] foi só no século vinte que ela passou a ser reconhecida como uma ciência linguística autônoma. O clássico de James Barr, *The Semantics of Biblical Language* [A semântica da linguagem bíblica] (1961), foi o pioneiro na aplicação científica de princípios linguísticos ao estudo da Bíblia (2009, p. 101).

A obra de Barr foi um divisor de águas para os estudos exegéticos, pois desde sua publicação, o foco dos estudos semânticos foi redirecionado. Antes, as atenções estavam

voltadas apenas para o significado histórico das palavras, que é denominado de sentido *diacrônico*; hoje, se discute também sobre o significado *sincrônico*, ou seja, o sentido da palavra dentro do texto de acordo com a proposição autoral. O primeiro estudo trata do campo lexical e é também conhecido por *lexicografia*, enquanto o outro estudo diz respeito ao campo semântico da palavra, pois trata do estudo da palavra dentro de um contexto específico.

William Lacy Lane discorrendo sobre este assunto destaca o seguinte:

Podemos falar do estudo semântico em dois níveis. Um nível é o estudo de palavras em si, tecnicamente chamado de lexicografia. O outro é o nível do significado da palavra em seu contexto, daí, se discute o *campo semântico*. Em outras palavras, um trata do significado conforme dicionários e léxicos, o outro, conforme o texto apresenta (LANE, [s./d.], p.73).

Este redirecionamento dos estudos linguísticos que foi proporcionado pela semântica, através da inserção do estudo sincrônico das palavras na interpretação da Escritura, não inutiliza e nem diminui o valor do estudo etimológico das palavras, muito pelo contrário, ele o completa. Ambos têm a sua importância na interpretação dos textos sagrados. A harmonização desses estudos, com a gramática, demonstra que um estudo linguístico-gramatical dos textos da Bíblia em todos os seus aspectos (lexicológico, morfológico, semântico e sintático)³, é de suma importância para a sua interpretação!

d) Os aspectos teológicos

A análise teológica do texto se desenvolve praticamente em todo o processo da interpretação das Escrituras. Como já foi dito anteriormente, o método histórico-gramatical de interpretação das Escrituras parte da premissa de que a Bíblia é a Palavra de Deus, sendo assim, reconhece sua inspiração divina, sua natureza divino-humana, sua inerrância, sua infalibilidade, sua autoridade e suficiência! Este método de interpretação, também reconhece que há uma revelação progressiva na Bíblia no que diz respeito à revelação divina e à doutrina da redenção, o que comumente é conhecido como “unidade orgânica” ou “teoria epigenética”. Henry Virkler discorrendo sobre a teoria epigenética observa que:

A teoria epigenética diz que a revelação divina é análoga ao crescimento de uma árvore oriunda de uma semente. Primeiro vem uma plantinha, depois uma árvore nova, e então uma árvore que chegou ao pleno crescimento. Este conceito pode contrastar-se com aquele que assemelha a revelação divina à construção de uma

3 O aspecto fonético não foi destacado aqui, porque a sua aplicação principal diz respeito à linguagem verbal oral e, não à linguagem verbal escrita que é a que fornece material para a exegese bíblica.

catedral. Uma catedral, quando edificada pela metade, é imperfeita. Uma árvore meio crescida é uma árvore perfeita. A teoria epigenética vê a auto-revelação de Deus como jamais imperfeita ou errônea, muito embora revelações posteriores possam acrescentar informação complementar (VIRKLER, 1987, p. 101).

Dessa forma, a análise teológica que se estrutura no método histórico-gramatical, além de considerar essa sequência (continuidade) na revelação de Deus, também firma-se nos princípios elementares da fé cristã (doutrinas). Sobre esta condição, Gordon D. Fee sugere algumas perguntas que podem ajudar o intérprete da Bíblia a situar-se dentro do processo desse tipo de análise da Escritura:

A que doutrinas teológicas a passagem adiciona alguma luz? Quais são suas preocupações teológicas? A passagem suscita questões ou dificuldades a respeito de algum tópico ou posição teológica que necessitem de explicação? Qual é a magnitude das questões teológicas que a sua passagem traz à tona? Onde a passagem parece se encaixar no sistema completo de verdade contido na teologia cristã? Como a passagem se Harmoniza com a totalidade do sistema teológico? Suas questões teológicas são mais ou menos explícitas (ou implícitas)? Como você pode usar a passagem a fim de ajudar sua congregação a ser teologicamente mais coerente ou, pelo menos, mais teologicamente alerta? (FEE, 2008, p. 334).

“Uma doutrina não pode ser considerada bíblica, a não ser que resuma e inclua tudo o que a Escritura diz sobre ela” (HENRICHSEN, 1995, p.64). Esta assertiva demonstra que o intérprete da Bíblia precisa estar disposto a verificar o resultado do seu estudo em toda a Escritura! Este princípio teológico conduz o estudioso da Escritura ao próximo passo na interpretação, a correlação.

3.1.2 A correlação

Aqui entra a máxima: “as Escrituras interpretam as Escrituras”. Após chegar a uma prévia conclusão sobre a intenção do autor e sobre o que o texto está dizendo, o próximo passo é correlacionar a mensagem extraída do texto com o restante das Escrituras. Esta tarefa consiste em perceber se o que foi entendido na interpretação pode ficar mais claro por meio de outras passagens, e também se está em harmonia com o restante da Escritura. De acordo com Walter A. Henrichsen: “O estudante da Bíblia deve fazer mais do que examinar passagens individuais. Deve coordenar o seu estudo com tudo o que a Bíblia diz sobre o assunto. A precisa compreensão da Bíblia sobre qualquer assunto leva em conta *tudo* que a Bíblia diz sobre aquele assunto” (1995, p. 8,9).

Esta não é uma tarefa tão simples, pois requer do intérprete muita dedicação e leitura. A leitura nesse processo deve ser minuciosa, a fim de se obter mais esclarecimentos sobre o que foi percebido no texto examinado, e conseqüentemente, ter condição de averiguar por meio da correlação de textos da Bíblia, se o que foi entendido por meio da interpretação, está de acordo com tudo o que as Escrituras dizem sobre a questão. Afinal, não há contradições nos textos da Bíblia. “Existe nas Escrituras certo número de aparentes contradições ou paradoxos. ‘Aparentes’ porque na realidade não o são. Parecem contraditórias porque a mente finita do homem não pode compreender a mente infinita de Deus” (HENRICHSEN, 1995, p. 67).

Sendo assim, se o que foi percebido pelo intérprete não está em harmonia com o restante das Escrituras, precisa ser descartado automaticamente. Este trabalho deve ser realizado com a ajuda de uma boa concordância da Bíblia. Os mesmos materiais que foram indicados acima para a realização da exegese, servem para fazer a correlação bíblica da interpretação alcançada, com o resto das Escrituras.

3.1.3 A aplicação

Esta é a etapa final da hermenêutica, ela é a hermenêutica propriamente dita. “Embora a palavra ‘hermenêutica’ ordinariamente abranja o campo inteiro da interpretação, inclusive a exegese, também é usada no sentido mais estreito de procurar a relevância contemporânea dos textos antigos” (FEE; STUART, 1984, p. 25). “A hermenêutica vai além da exegese e explica não apenas o que o texto quis dizer aos seus leitores originais, mas também o que significa para nós hoje” (VANHOZER, 2015, p.101).

De acordo com Henrichsen, este estágio da interpretação responde à pergunta: “Que significa para mim?” (1995, p. 9). Não tem como responder a esta pergunta, sem responder primeiro à seguinte questão: o que o autor está dizendo aos seus primeiros ouvintes (destinatário original)? Quando não se obedece esta sequência lógica, geralmente os resultados da interpretação são incompatíveis com a proposição da Escritura. “A razão porque não devemos começar com o aqui e agora é que *o único controle apropriado para a hermenêutica acha-se na intenção original do texto bíblico*” (FEE; STUART, 1984, p. 25, grifo do autor). Dessa forma, a contextualização correta da mensagem das Escrituras, depende em primeiro lugar dos resultados de uma boa exegese.

A tarefa final da hermenêutica é apresentar à geração atual, a mensagem da Bíblia, ou seja, é traduzir seu conteúdo para a atualidade. A contextualização de sua mensagem é tão importante quanto a exegese correta de seus textos. Contudo, não é possível comunicar sua mensagem ao mundo hodierno, nos mesmos moldes em que foi comunicada no passado. Há

uma nítida necessidade de se identificar a expressão contemporânea de cada um de seus ensinamentos. A mensagem é a mesma que foi objetivada por cada um de seus autores, não mudou nada em sua essência, então, contextualizar sua mensagem não é, de forma nenhuma, alterar o seu propósito, mas é comunicar sua mensagem de forma que faça sentido na atualidade.

As diferenças e mudanças que existem na aplicação da mensagem para hoje, em relação à forma que era aplicada aos seus primeiros ouvintes, são em sua maioria de cunho cultural ou estão relacionadas às mudanças e transformações que certos objetos e conceitos sofreram devido aos seus desenvolvimentos com o passar do tempo. Por exemplo, com a ascensão da tecnologia, os meios de comunicação com outras pessoas mudaram totalmente, hoje, quase não se usa mais as cartas como um meio efetivo de comunicação. A maioria dos meios de transportes de hoje não existiam nos tempos bíblicos; os carros e embarcações daqueles tempos não eram nem parecidos com os de hoje. As vestimentas, a arte, a arquitetura, a agricultura, os tipos de sociedade, a política, a ética, as leis e outros elementos dos tempos bíblicos, são totalmente diferentes dessas mesmas coisas nos dias de hoje.

Por isso, a mensagem precisa ser contextualizada. Contudo, a intenção do autor e a essência da mensagem que foi transmitida ao seu destinatário original devem ser preservadas, ou seja, o cerne da mensagem continua sendo o mesmo; porém, precisa ser aplicado de forma contextual para que faça sentido às pessoas de hoje.

4 CONCLUSÃO

A Bíblia não é um livro meramente humano, ela é divino-humana! A sua mensagem foi inspirada pelo Espírito Santo e registrada por homens devidamente escolhidos por Ele. Sua mensagem registra a vontade de Deus para a humanidade. Ela é verdadeiramente a Palavra de Deus! Dessa forma, deve ser tratada como tal, e também precisa ser interpretada corretamente. Todavia, como foi dito anteriormente, ela não é um livro fácil de interpretar, principalmente por ser um “Livro Sagrado” e também por ser um livro muito antigo!

Portanto, para que a mensagem da Escritura seja compreendida da forma correta, primeiramente, o seu leitor carece da ajuda do Espírito Santo, afinal, a mensagem espiritual das Sagradas Escrituras só podem ser discernidas espiritualmente, pois “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus” (ARC, 1 Co 2.14). Então, se o Santo Espírito não iluminar o leitor da Bíblia, este jamais entenderá sua mensagem espiritual! Todavia, o leitor da Escritura não pode de forma alguma ficar esperando que o Espírito Santo faça todo o

trabalho na hora de interpretar os seus textos, pois não o fará! O leitor comprometido com a Escritura sabe bem disso! Ele precisa fazer uso de todos os recursos disponibilizados pela hermenêutica bíblica para poder entender os textos das Escrituras; durante este processo é que o Santo Espírito o auxiliará a compreender a mensagem da Bíblia!

Sendo assim, a interpretação das Escrituras parte da leitura devocional para a pesquisa hermenêutica. Começando com a exegese gramático-histórica em busca da intenção autoral, ou seja, antes de identificar o significado de sua mensagem para a atualidade, é preciso compreender qual era a mensagem proposta para sua época (seus primeiros leitores). Só depois deste processo, após muito estudo e pesquisa, será possível com o auxílio do Espírito de Deus, é claro, contextualizar e aplicar corretamente a sua mensagem para os dias atuais!

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE PROMESSAS. Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 7ª. ed. São Paulo: Juerp/King's Cross, 2012.

A BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2ª. ed. rev. atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

ALEXANDRE Jr., Manuel. **Exegese do Novo Testamento**: um guia básico para o estudo do texto bíblico. São Paulo: Vida Nova, 2016.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova. 1997.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** São Paulo: Vida Nova 1984.

FRIBERG, Bárbara; FRIBERG, Timothy. (Orgs). **O Novo Testamento Grego Analítico**. São Paulo: Vida Nova, 1987.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do N.T. Grego/Português**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HENRICHSEN, Walter A. **Princípios de Interpretação da Bíblia**. 6ª. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1995.

KAISER Jr, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à Hermenêutica Bíblica**: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época? São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KUNZ, Claiton André. Exegese do Novo Testamento a partir do Método Histórico-Gramatical. **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, v. 4, n. 1, Junho/2015. Disponível em: <<http://www.revista.batistapioneira.edu.br/index.php/rbp/article/view/82>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

LANE, William Lacy. Exegese e pregação. **Revista Teológica do SPS**, Campinas, v. 59, n° 49, p. 61-76. Disponível em: <https://www.academia.edu/27438137/Exegese_e_Prega%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 fev. 2021.

LOPES, Augustus Nicodemus. O dilema do Método Histórico Crítico. **Fides Reformata**, São Paulo, v. X, n° 1, p. 115-138, 2005. Disponível em: <<https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2018/11/6-O-dilema-do-metodo-historico-critico-na-interpretacao-biblica-Augustus-Nicodemus-Lopes.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

MARTÍNEZ, José Maria. **Hermenéutica Bíblica**: como interpretar las Sagradas Escrituras. Barcelona: CLIE, 1984.

OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Grande Dicionário Unificado da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 2012.

STUART, Douglas & FEE, Gordon D. **Manual de Exegese Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

VANHOOZER, Kevin J. **A Trindade, as Escrituras e a Função do Teólogo**: contribuições para uma teologia evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 1987; 1998.

ZUCK, Roy B. **A Interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 1994.